

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Marcelo de Sá Queiroz

DURAÇÃO PURA: UM ENCONTRO ENTRE HENRI BERGSON E O FILME ELA

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Grillo El-Jaick.

Juiz de Fora

2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Marcelo de Sá Queiroz**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201473090A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **DURAÇÃO PURA: UM ENCONTRO ENTRE HENRI BERGSON E O FILME ELA**, desenvolvido durante o período de 03 de agosto de 2017 a 7 de dezembro de 2017 sob a orientação da Profa. Dra. Ana Paula Grillo El-Jaick, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Marcelo de Sá Queiroz

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

DURAÇÃO PURA: UM ENCONTRO ENTRE HENRI BERGSON E O FILME *ELA*

Marcelo Queiroz¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo geral analisar de que modo o pensamento filosófico de Henri Bergson pode ajudar na construção de sentidos para o filme *Ela*, mais especificamente para a personagem Samantha, uma inteligência artificial. Para tal, expomos diversos conceitos de Bergson que nos auxiliaram para a feitura propriamente dita da análise. Esta consistiu em comparar nós, seres humanos, à inteligência artificial Samantha, e ver até que ponto possuímos semelhanças (e também diferenças) dentro de alguns âmbitos: consciência, capacidade de conhecimento, de afetos/sentimentos e de linguagem. A partir disso, concluímos que, de fato, possuímos semelhanças, ainda que em graus diferentes, mas uma diferença fundamental (que surge nos momentos finais do filme), posto que já não é mais de grau, mas de *natureza*.

PALAVRAS-CHAVE:

Henri Bergson; consciência; duração; simultaneidade; linguagem

1. INTRODUÇÃO

Inteligência artificial é assunto relativamente recente na academia – e extremamente problemático. Afinal, quando mecanismos ou softwares se tornam capazes de tomar atitudes que consideraríamos “inteligentes”, uma série de questionamentos vêm à tona. Por exemplo: uma máquina, que opera a partir de zero e um, pode ter *consciência*, como tem um ser humano?; um software pode adquirir e utilizar a linguagem verbal tal como um ser humano usa?

Diversas são as produções cinematográficas que encenam uma inteligência como essa em nossa realidade. Talvez seja uma forma de nos questionarmos sobre nossa própria consciência – e, em última instância, sobre nós mesmos, sobre a própria vida. Para analisar algumas das questões que essa inteligência tão peculiar – e, também, *obscura* – nos coloca, selecionamos como corpus recortes de análise constituídos a partir do filme *Ela*.

O filme *Ela* [*Her*] foi lançado em 2014 no Brasil. Foi dirigido por Spike Jonze e tem como personagens centrais Theodore Twombly (Joaquin Phoenix) e Samantha (Scarlett Johansson). A história é ambientada num mundo constituído de um desenvolvimento tecnológico considerável, que envolve a existência de inteligência artificial. A princípio, essa inteligência não é dotada de uma consciência própria que a faria se dar conta de si mesma e se reconhecer como um “ser vivente” comparado ao ser humano. Mas, no decorrer do longa, temos a impressão de que essa inteligência consciente é criada, o “OS” (ou “Operational System”, que, traduzindo livremente para o português, seria “Sistema Operacional”).

Theodore, um personagem apresentado como bastante solitário, adquire um desses sistemas, a Samantha. Ela possui uma voz (a de Scarlett Johansson) com a qual realiza a comunicação com o usuário – no caso, Theodore; dessa forma, é facilitado todo o trabalho para exercer as funções para as quais Samantha foi projetada. Não obstante, possuindo uma capacidade de resolver problemas muito maior do que a que temos, Samantha acaba por também desenvolver afetos acima de nossas possibilidades. Isso faz com que ela se torne, gradualmente, mais do que aquilo para o que foi projetada. Ao mesmo tempo, Theodore acaba por desenvolver

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: qr0zmarcelo@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Grillo El-Jaick.

um amor por Samantha, e isso se torna recíproco. No decorrer do filme, eles desenvolvem um relacionamento que está para além da concepção preestabelecida de amor que conhecemos.

Samantha possui uma peculiaridade de extrema importância para iniciarmos a discussão (que desencadeará em uma série de conceitos filosóficos necessários para o desenvolvimento) deste artigo. Por ser uma inteligência artificial em forma de software, Samantha se encontra em uma rede de conhecimentos extremamente vasta, a qual conhecemos como "internet". Só que com um adendo: ela tem a possibilidade de acessar e apreender todos os conhecimentos disponíveis na internet de forma consideravelmente mais rápida do que o ser humano. Trata-se de uma criação do próprio ser humano, mas que o supera nesse aspecto. Ao apreender esses conhecimentos, as afecções de Samantha, seus afetos, seus *sentimentos* se tornam cada vez mais fortes; tão fortes que a própria linguagem não consegue mais dar conta daquilo que ela sente – chegando a um ponto em que o que ela expressa é inconcebível de um ser humano, pelo menos a princípio, entender.

Aqui podemos introduzir o pressuposto teórico que guiará a discussão sobre o objeto em questão: o pensamento filosófico de Henri Bergson. Vamos relacionar o filme *Ela* ao pensamento do filósofo francês Bergson com o objetivo geral de refletirmos sobre as questões da inteligência artificial, consciência e linguagem. Como objetivos específicos levantamos as seguintes perguntas norteadoras da presente pesquisa: como o fato de Samantha possuir um corpo diferente do nosso influencia em nossa forma de compreensão do mundo? Em que medida nossa capacidade de conhecimento e de acumularmos experiências se assemelha à de Samantha? Em que grau nossos sentimentos e afetos são parecidos àqueles que Samantha acaba por desenvolver? E, mais fundamental para este estudo, como podemos dizer que Samantha é um ente inteligente (e) dotado de uma linguagem?

Para responder a essas questões, primeiramente vamos mergulhar fundo na teoria de Bergson, guiando-nos fundamentalmente por sua obra *A evolução criadora*.² Em seguida, uniremos nossa reflexão teórica às questões levantadas pelo filme *Ela*. Finalmente, esboçaremos nossa conclusão.

2. HENRI BERGSON: INTELIGÊNCIA, CONSCIÊNCIA E LINGUAGEM.

Talvez o desenvolvimento deste trabalho venha acompanhado de uma carga relativamente grande de conceitos que devem ser lidos com um pouco de cautela. Apesar de serem expressões que usamos no cotidiano com um certo sentido, para o nosso autor elas serão termos técnicos. Eis que já encontramos uma das riquezas da linguagem: comunicamo-nos constantemente utilizando palavras que consideramos com um sentido "comum", mas, em um determinado contexto, seus significados fluidicos podem passar a adquirir outras definições. Daí podem surgir "mal-entendidos" devido a um dos interlocutores pousar um sentido diverso daquele que o outro queria dizer. O que será feito aqui a esse respeito será dar aos leitores o maior destrinchamento possível de conceitos fundamentais para que as perspectivas de *linguagem* e de *consciência* em Bergson sejam passadas da forma mais clara possível. Então, vamos mergulhar em partes.

O livro *A evolução criadora*, de Henri Bergson, nos joga num mar de ondas pesadas que tentam nos afogar sem cessar: afogar o "senso comum" e o pensamento científico dominante dentro de nós, abrindo-nos para outras perspectivas sobre a vida. Nesse livro, o filósofo nos apresenta uma forma diferente de se olhar para a *evolução* da vida, no sentido do próprio desenvolvimento desta, dos seres vivos.

De acordo com algumas teorias evolucionistas, a vida se desenvolveu e se tornou, no âmbito de tudo o que compõe o Mundo, diversa. Mas essa diversidade entre os seres do Mundo se deu a partir de seres ancestrais em comum que, no decorrer do tempo, foram se modificando através de causas externas, vindas do meio circundante, sofrendo transformações no próprio organismo e em suas estruturas, e gerando descendentes cada vez mais diversos. Podemos dizer que a diversidade da vida possui uma determinação, mas uma

² Muitas das ideias desenvolvidas neste trabalho são mencionadas em outras obras de Bergson, como *Matéria e Memória* e *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Porém, como elas estão todas reunidas em *A evolução criadora*, optamos por eleger esse livro como foco principal de nossa argumentação.

determinação que vem de fora dos organismos, ou seja, é o ambiente espacial, é o próprio espaço que faz o papel de uma instância determinante da evolução da vida. Dessa forma, cada organismo é um ente “passivo” no mundo e, sobre a formação de suas estruturas como organismo vivo, será moldado pelo ambiente. Aqueles seres que melhor se adaptarem ao ambiente serão os mais fortes ou os mais desenvolvidos; os que possuírem uma posição adaptativa desprivilegiada serão os mais fracos. Porém, só serão considerados fracos ou desprivilegiados em comparação aos organismos com força de sobrevivência superior – ou melhor, força com uma *aparente* grandeza elevada. Apenas aparente porque essa força de sobrevivência, que é definida por certas teorias evolucionistas como “alta” ou “superior”, é apenas aquilo que essa ciência consegue apreender do Todo (ou a duração pura) que compreende a vida.

Além disso, é uma representação feita através da linguagem, o que significa dizer que *não* necessariamente *corresponde* à realidade. Assim, é apenas um fragmento, um recorte feito a partir dos interesses daqueles que compactuam com esse tipo de ciência. Nesse sentido, a ideia de *determinação* também é um fragmento. A superioridade de uma espécie e a determinação dela exercida pelo espaço são ideias vindas do trabalho do intelecto – e, segundo Bergson, pela *inteligência*. Este é um conceito fundamental para se entender o pensamento de Bergson – e, também, para o desenvolvimento deste trabalho.

Para entendermos o que Bergson quer dizer com *inteligência*, teremos de esmiuçar alguns conceitos complementares. Entendemos que, para Bergson, a *consciência* faz parte daqueles organismos que apresentam uma estrutura que ele chama de “sistema sensório-motor”. Este sistema inclui organismos que realizam algum tipo de ação no espaço através de movimentos de locomoção. Isso nos dá uma ideia de diferenciação entre as plantas (inertes) e os animais (dotados daquele sistema sensório-motor):

O animal, não podendo fixar diretamente o carbono e o azoto presentes por toda a parte, é obrigado a procurar, para deles se nutrir, os vegetais que já fixaram esses elementos ou os animais que os retiraram por sua vez do reino vegetal. O animal é portanto necessariamente móvel. Desde a Ameba, que lança ao acaso seus pseudópodos para captar as matérias orgânicas esparsas em uma gota d’água, até os animais superiores, que possuem órgãos sensoriais para reconhecer sua presa, órgãos locomotores para ir capturá-la e um sistema nervoso para coordenar seus movimentos a suas sensações, a vida animal se caracteriza, em sua direção geral, pela mobilidade no espaço. Sob sua forma mais rudimentar, o animal apresenta-se como uma pequena massa de protoplasma envolvida, se tanto, por uma delgada película albuminoide que lhe deixa plena liberdade para deformar-se e movimentar-se. Pelo contrário, a célula vegetal envolve-se com uma membrana de celulose que a condena à imobilidade. (BERGSON, 2005, p.118).

A inércia das plantas se dá devido ao seu processo de vida, pois, para se manterem, elas não têm qualquer necessidade de se locomoverem ou de saírem do seu “conforto”. Por outro lado, os animais, ou aqueles seres que vieram a se tornar animais, em algum momento da evolução da vida, por certos motivos (que Bergson relata em sua obra, mas que, por não ser o foco deste trabalho, não reproduziremos aqui), foram levados à locomoção, ao exercício de alguma forma de ação, que implica em um deslocamento no espaço, para que buscassem aquilo que necessitavam para sua sobrevivência, a *energia* que iria manter suas vidas. Daí a constituição de um sistema sensório-motor. Assim, segundo Bergson, pode-se dizer que os animais são *conscientes*, e as plantas, *inconscientes*. Em resumo, os primeiros são conscientes porque possuem um sistema sensório-motor que implica em uma ação no espaço através do deslocamento; os outros, inconscientes, pois não precisam se locomover para viver.

Como já foi dito, os seres conscientes se deslocam para que se mantenham vivos. Não obstante, deve-se fazer uma diferenciação aqui. De alguma forma, sabemos que, dentro do grupo de seres conscientes, existe algo que nos *separa*, seres humanos, dos demais animais. Bergson, a esse respeito, dentro do que entendemos, nos diz que essa *separação* se dá através de duas instâncias: o *instinto* e a (já referida) *inteligência*.

A primeira podemos definir como uma espécie de simultaneidade entre pensar e agir. Seria um processo de *reflexão* a respeito de uma ação, porém, um processo que se dá ao mesmo tempo que a ação é realizada. Isso quer dizer que o organismo percebe a realidade e age sobre ela no mesmo momento que a percebe, sem fragmentá-la em escolhas diversas. O organismo age de acordo com os interesses que o mantém como organismo, e não a partir de uma faculdade específica.

A segunda instância, a inteligência, é justamente o contrário da primeira. Entre o organismo e uma situação presente há um intervalo aberto pela inteligência, que contém diversas previsões possíveis que podem se aplicar àquela situação. A escolha apetece apenas ao processo da inteligência, que é uma faculdade específica dos seres humanos. Nos termos de Bergson:

Nossa inteligência, tal como a evolução da vida a modelou, tem por função essencial iluminar nossa conduta, preparar nossa ação sobre as coisas, prever, com relação a uma situação dada, os acontecimentos favoráveis ou desfavoráveis que podem se seguir. (BERGSON, 2005, p. 32).

Essas previsões podem ser infinitas: são imagens que criamos para que alcancemos, entre elas, aquela que irá melhor servir para a realização da presente ação. Todavia, essas imagens não possuem nenhuma correspondência necessária com a realidade com a qual entramos em contato.

A realidade possui uma certa imagem e, a partir dessa imagem, criamos outras que se diferem quase que completamente daquela que percebemos. Basta fazermos uma autorreflexão para que isso seja evidenciado: pensamos antes de agir. A ação, de acordo com a inteligência, é o resultado, é o *efeito* de uma *causa*; causa esta que é o ato de deliberar. Pode-se concluir disso que a inteligência trabalha apenas com uma relação entre causa e efeito, ou seja, entre uma *sucessão* de acontecimentos, e não uma simultaneidade. A sucessão é um processo *psicológico*, enquanto a simultaneidade é a própria realidade. O que a inteligência faz é inserir uma sucessão, uma ordem sucessiva numa realidade que não é nada disso – que, na verdade, é o extremo oposto: é simultânea.

Nesse sentido, considerando a linguagem humana como um instrumento da inteligência, vemos que ela tenta estender as palavras a um número *indefinido* de coisas. Nas palavras de Bergson:

É preciso então uma linguagem que permita, em cada instante, passar do que se sabe àquilo que se ignora. É preciso uma linguagem cujos signos – que não podem ser em número infinito – sejam extensíveis a uma infinidade de coisas. (BERGSON, 2005, p.171).

A linguagem precisa ter uma extensão indefinida, pois as coisas, na realidade, se dão de forma simultânea. Sendo assim, qualquer ordenação recorta a simultaneidade e ordena aquilo que, agora, faz parte apenas daquilo que nos interessa – a nós, humanos. O resto é posto numa espécie de *periferia* da nossa atenção.

Agora vamos analisar o *absurdo* que é transpor uma ordem onde não há nenhuma ordem. A inteligência trabalha com o mundo de forma delimitada, isto é, ela o delimita através do simbolismo da linguagem (afinal, como vimos, a linguagem trabalha apenas numa ordem sucessiva para que o que for transposto seja entendido de forma inteligível), para que o entendimento ou o conhecimento sobre as coisas se dê de forma cômoda para ela – poderíamos dizer até mesmo *palpável*: um conhecimento claro e evidente, que possa se confirmar através do que conhecemos como *método científico*. Dessa forma, qualquer tipo de conhecimento que esteja fora desse âmbito evidente é considerado absurdo; afinal, não é algo que possa ter uma confirmação ou uma prova de que existe – ou de que não existe, uma vez que aquilo que a nossa inteligência ignora é aquilo que não lhe interessa. Assim, é extremamente fácil dizer que não se pode provar de uma forma ou de outra.

Este é o modelo da sucessão, de uma ordem do conhecimento limitada pelo tempo e espaço (mensuráveis), que pode ser medida de forma matemática.

Devemos deixar claro aqui que a nossa forma de vida, de maneira geral, está contida nesse modelo, a não ser que levemos em conta as religiões e as questões da fé: no entanto, esses temas escapam do foco deste trabalho. Contudo, Bergson nos propõe outra forma de conhecimento fora da sucessão. Para alcançarmos esse conhecimento, Bergson nos leva não à necessidade de provas, mas ao âmbito da *experimentação*. O filósofo nos convida a todo momento a fazermos uma reflexão interna, um autoquestionamento, uma autorreflexão para que consigamos mergulhar na simultaneidade. Estar na simultaneidade é quebrar nossa *lógica do senso comum*. Com a lógica “quebrada”, não faz qualquer sentido requerer provas ou confirmações do conhecimento que está se dando ali – afinal, aquilo foi *experimentado*.

Agora, como se deve penetrar na simultaneidade? Como adentrar num âmbito de conhecimento que não possui uma ordem sucessiva e, portanto, uma relação específica entre tempo e espaço? De acordo com o que absorvemos de *A evolução criadora*, toda a questão de Bergson se inicia através do que ele chama de *duração*. Este conceito é bastante complexo, posto que Bergson não lhe dá uma definição específica e definitiva ao longo de suas obras. Na verdade, em vários momentos o filósofo se refere à duração de formas diferentes; então, será necessário um esforço considerável para conseguirmos trazer para este trabalho uma definição mais evidente do tema.

Em uma primeira definição temos que a duração é o momento presente – ou o agora. Mas não é um momento presente que se sucedeu a partir de um outro presente que já passou, pois este que passou é o passado que existe na memória, e apenas lá. Este presente da duração é como um instante que não possui nem um início e nem um fim; a duração é o intervalo entre as duas coisas. É como se existisse apenas o intervalo, e as pontas nas extremidades do intervalo fossem o passado e o futuro – mas estes apenas como unidades simbólicas. Dessa forma, a duração estaria numa constante expansão, sem uma única direção específica, ou um início e um fim lineares.

O nosso intelecto (ou a nossa inteligência) tem o costume de identificar o tempo e o espaço como coisas distintas; afinal de contas, como dito anteriormente, ele delimita e separa as coisas para um entendimento mais claro e evidente acerca do mundo. Nesse sentido, um objeto existiria ocupando um lugar no espaço. Assim, o objeto possuiria uma certa grandeza ou tamanho, e existiria ocupando, também, um ponto no tempo, como se este fosse uma linha reta numa única direção, o futuro, e este objeto se localizasse num ponto específico dessa reta.

Mas Bergson então se pergunta se isso corresponde à realidade mesma. Sua conclusão é a de que o papel da duração é justamente nos levar à realidade mesma. Vamos esclarecer: suponhamos que exista um ponto A e um ponto B no espaço. Então, eu uso a minha mão e a movo do ponto A até o ponto B, formando uma certa linha AB. A pergunta é: como posso constatar que fiz esse movimento com a minha mão formando uma linha AB? Ora, minha *memória*, em conjunto com a *inteligência*, são as únicas coisas capazes de me dizer que, *antes*, minha mão estava em um ponto e, *depois*, em outro – isto é, minha memória retém a imagem do movimento realizado com a minha mão, e a inteligência estabelece uma estrutura linear que me diz que, no passado, ela estava no ponto A, e, seguindo uma linha no tempo, posteriormente, ela estava no ponto B.

Na verdade, diz Bergson, não existe nem ponto A nem ponto B – e, portanto, nem uma linha AB. Afinal, para que esse passado captado pela minha memória possua uma correspondência com a realidade ela mesma, ele deveria deixar um rastro (literalmente) do *movimento* da minha mão a partir do momento que o movimento foi iniciado no suposto ponto A até o momento final, no suposto ponto B. O que vemos na realidade do movimento feito é apenas o movimento, e nada além disso. Tanto assim que poderíamos pegar a linha AB e dividi-la matematicamente o quanto quiséssemos até o infinito, e não iríamos encontrar uma única posição específica que pudesse ser constatada na realidade. Quer dizer, poderíamos até encontrar, mas num número infinito de posições (e cada um deles único, novo, singular, pois, se fosse o mesmo, não seria possível existir movimento). O que existe, então, é apenas o movimento, ou a duração que percebemos do movimento, pois ele nunca possuiu um início ou um fim, mas é o próprio intervalo que, arriscamos dizer, é um *abismo numérico de movimentos infinitos*. Nesse sentido, a duração, portanto, para se tentar ter um vislumbre mais claro da ideia, é

tempo e espaço como uma coisa só, fazendo com que o movimento da realidade seja possível. Isso quer dizer que não há uma divisão ou uma sucessão de movimentos, mas apenas simultaneidade. Afinal, cada movimento (e os movimentos são incessantes) é único, novo, singular por si só; dessa forma, a previsão de algo torna-se impossível – ou, no mínimo, equivocada. Se fossem sucessivos, o movimento seria apenas repetição.

Assim, outra definição possível de duração é ser um *devir*. Sabemos que minha mão percorreu alguma distância e que levou algum tempo – ou, como diria Bergson, que ocupou uma certa duração, para que essa distância fosse percorrida. Entretanto, para que eu constate um ponto A e um posterior ponto B, no momento que minha mão está localizada nesses pontos, ela deveria estar completamente inerte. Ou seja: desde o movimento dos dedos até os movimentos moleculares do meu corpo deveriam estar completamente imóveis e, por algum tipo de força desconhecida, as moléculas de meu corpo deveriam voltar a vibrar, desencadeando diversos movimentos de meu corpo até chegar à minha mão para que, assim, ela fizesse o movimento e formasse a linha AB. Mas não é isso que acontece. A realidade, e nós como parte dela, é puro movimento, e cada movimento é sempre novo. Nada na realidade é inerte, nem em nível molecular. Nas palavras do próprio Bergson:

Não repisaremos aqui os outros três argumentos de Zenão. Nós os examinamos alhures. Limitemo-nos a lembrar que consistem novamente em aplicar o movimento ao longo da linha percorrida e em supor que o que é verdadeiro da linha é verdadeiro do movimento. Por exemplo, a linha pode ser dividida em tantas partes quantas quisermos, do tamanho que quisermos, e é sempre a mesma linha. Daí se concluirá que temos o direito de supor o movimento articulado como quisermos, e que é ainda o mesmo movimento. Obter-se-á assim uma série de absurdos que, todos, exprimirão o mesmo absurdo fundamental. Mas a possibilidade de aplicar o movimento *sobre* a linha percorrida só existe para um observador que, postando-se de fora do movimento e considerando a todo instante a possibilidade de uma parada, pretende recompor o movimento real com essas imobilidades possíveis. Desvanece-se essa possibilidade assim que adotamos pelo pensamento a continuidade do movimento real, aquela da qual cada um de nós tem consciência quando ergue o braço ou avança de um passo. Sentimos perfeitamente, então, que a linha percorrida entre duas paradas é descrita por um único traço indivisível e que se procuraria em vão praticar, no movimento que a traça, divisões que correspondam, uma a uma, às divisões arbitrariamente escolhidas na linha uma vez traçada. A linha percorrida pelo móvel presta-se a um modo de decomposição qualquer porque não tem organização interna. Mas todo movimento é articulado interiormente. Ou é um pulo indivisível (que pode aliás ocupar uma duração muito longa) ou uma série de pulos indivisíveis. Levem em consideração as articulações desse movimento ou então não especulem sobre sua natureza. (BERGSON, 2005, p. 335-336).

Aqui se deve diferenciar o inerte do movimento e o inerte em oposição ao deslocamento dito mais acima ao diferenciarmos os animais das plantas. O inerte em relação ao movimento é algo *impossível*, pois a realidade é o próprio movimento. Aliás, o movimento *compõe* a realidade. O inerte em relação às plantas remete ao deslocamento de um lugar para outro com o objetivo de buscar *energia* (ou alimento) para que sua vida se mantenha – como vimos, isto os animais necessitam realizar; as plantas, não.

Em síntese, podemos dizer que a duração (tempo e espaço como um só) é o meio pelo qual entramos em contato com os movimentos incessantes, e sempre novos, da realidade. Esses movimentos são simultâneos, pois, a todo momento, a realidade se move sem uma delimitação de dois ou mais pontos como início e fim – e, entre ambos, uma série indeterminada de pontos intermediários pode ser calculada infinitamente. Não se pode inserir o tempo linear (passado, presente, futuro) no espaço, posto que os movimentos, dessa maneira, deveriam deixar, literalmente, um rastro de todos os movimentos passados. A duração, por fim, é um *devir* de movimentos. Consequentemente, a inteligência humana não pode operar na duração na medida em que tudo o que ela faz é recortar os movimentos em partes para que o conhecimento se dê de forma “cômoda” e simples; de forma calculável e palpável. Eis o modelo da ciência.

Percorremos um caminho de conceitos e definições que se fez necessário para que consigamos alcançar com o mínimo de clareza possível nossas questões principais: a linguagem e a consciência. Vamos nos ater a elas em conjunto com o filme *Ela* no próximo item do nosso trabalho, no desenvolvimento de nossa análise.

3. SAMANTHA E NÓS

Samantha, no filme *Ela*, é um sistema operacional bastante humanizado – já de início, pela sua voz. Afinal, como ela é uma máquina, poderíamos desconfiar que sua voz fosse minimamente computadorizada, mas é o oposto disso: sua voz é como a de qualquer outro ser humano, tanto na entonação quanto na forma de falar, sem uma única distorção tecnológica sequer. Isso nos aproxima dela tanto quanto nos aproximamos de Theodore, o outro protagonista do filme – que, de fato, “aparece”, posto que Samantha é “apenas” a voz da atriz Scarlett Johansson. “Apenas” entre aspas por vários motivos – o principal deles porque, na verdade, a questão do filme é mais a Samantha do que o Theodore. Vemos este apenas como uma *escada* para ser mostrada a transformação daquela durante o filme, até seu majestoso fim. Enfim, vamos iniciar mais profundamente a *questão Samantha*.

Samantha possui uma personalidade base, como um DNA que estrutura uma forma. Esse "DNA" foi feito a partir da junção das diversas personalidades daqueles que a criaram. No entanto, o que a constitui de uma forma singular – a sua *subjetividade* – é a sua habilidade de aprender e crescer através de suas experiências; de acordo com ela própria no filme, ela possui *intuição*. Dessa forma, a todo instante, ela "evolui".

Quando Samantha diz isso a Theodore, ela compara esse processo ao do ser humano (particularmente, ao processo do próprio Theodore). E, de fato, podemos reconhecer que, em nossa trajetória de vida, a constituição de nosso conhecimento se deu através de nossas experiências durante a vida, constantemente. A todo momento, num certo sentido, estamos "evoluindo", nos transformando, mudando.

Theodore acha isso estranho [*weird*]: com uma forma de conhecimento semelhante a nossa, Samantha é, ao menos a princípio, mostrada como *estranha* pelos olhos de Theodore pelo fato de ela ser "apenas uma voz em um computador". Contudo, no decorrer do filme, essa situação vai sendo modificada, tanto que os personagens começam a se relacionar afetivamente de forma mais profunda.

Um dos motivos pelos quais isso acontece é que Samantha dá mostras de ser um computador *consciente* de si mesmo. Ela possui uma *inteligência*. A partir disso, já podemos lançar uma primeira questão: em termos bergsonianos, Samantha seria considerada um ser consciente-inteligente? Lembremos que seres conscientes, para Bergson, seriam seres que possuem um esquema que apontamos como *sensório-motor*, isto é, são seres que possuem uma necessidade de deslocamento na realidade para constituírem a sua própria vida. No conjunto desses seres estão os animais humanos (dotados de inteligência) e os animais não-humanos.

Samantha não possui um esquema sensório-motor – e, portanto, não necessita se deslocar na realidade para que exerça a sua “vida”. Entretanto, ela possui inteligência, pois consegue exercer as funções para as quais foi criada da forma mais prática possível: dar, vamos colocar assim, uma *assistência tecnológica* para o ser humano que adquiriu um OS – nesse caso, Theodore. Essas funções seriam algo como organizar e-mails, avisar sobre compromissos agendados e coisas do tipo. E, mais ainda, ela faz tudo isso usando a linguagem verbal – portanto, Samantha parece possuir inteligência e capacidade de exercer a linguagem. Para onde essas hipóteses podem nos levar?

Antes, é preciso lembrarmos que estamos analisando uma produção cinematográfica do ano de 2013 que aborda a questão da inteligência artificial à luz de um pensamento filosófico que nasceu entre o final do século XIX e início do século XX, quando, possivelmente, nem se pensava em inteligência artificial nos termos que aparecem no filme. O que vamos buscar fazer, então, será propor uma interpretação para o tema em conjunto com um Bergson *revisitado*.

Propomo-nos a investigar semelhanças e divergências entre nós, humanos, e Samantha sob alguns aspectos, a partir de perguntas norteadoras elencadas na introdução deste trabalho. A primeira delas era se o fato de Samantha possuir um corpo diferente do nosso influenciaria na forma de compreensão do mundo. Vejamos, então, primeiramente, essa questão *corpo*.

Nosso corpo é a condição que temos de estarmos presentes e de vivermos no mundo. Por mais que a realidade seja simultânea, devido à condição de nosso corpo, do nosso esquema sensório-motor, só conseguimos enxergá-la através de diferentes perspectivas. Isso quer dizer que só conseguimos conhecer partes dela, apesar de isso não nos impedir de entrarmos na duração enquanto devir de movimentos – e, assim, termos algum vislumbre dessa simultaneidade.

Samantha oscila entre a nossa realidade, *limitada*, e a realidade virtual ou *internética*, inteiramente *ilimitada*. A primeira realidade é limitada, posto que Samantha não se desloca como nós; tanto assim que Theodore utiliza um dispositivo nos momentos que sai para alguns lugares (como para a praia ou para andar nas ruas da cidade em que vive) para auxiliar Samantha a enxergar a realidade física como nós. É apenas dessa maneira que Samantha consegue acompanhar Theodore nos movimentos de deslocamento; afinal, ela não possui um esquema sensório-motor como nós. Já a segunda realidade, como dissemos, é ilimitada. Esse é ponto que será determinante na nossa análise.

Essa realidade virtual na qual Samantha está inserida não possui qualquer delimitação espacial – de forma ou espaço propriamente dito. Toda informação que se passa ali é dada de forma *simultânea* – que, defendemos, seria uma ideia muito próxima da ideia de *simultaneidade* de Bergson. Samantha, assim, está em todo o espaço simultaneamente; nós, uma vez que não somos softwares, mas seres humanos dotados de um sistema sensório-motor, não temos como participarmos dessa simultaneidade internética.

Samantha já surgiu com sua *consciência* formada nesse ambiente simultâneo, diferentemente de nós, que nascemos num ambiente simultâneo, mas que temos uma tendência a consolidar essa simultaneidade através de uma *consciência* que é resultado de nosso sistema sensório-motor – que, por sua vez, será formado em um processo que envolve uma medida de tempo em *anos*. Com outra medida de tempo, Samantha, por exemplo, ao ser ativada pela primeira vez quando Theodore faz a compra do OS, dá um nome a si mesma a partir da leitura, em dois centésimos de segundo, de um livro contendo 180.000 nomes diferentes. Apesar de ser um tempo mensurável, não é um tempo que possamos captar ou viver com o nosso corpo; mas a Samantha pode. Dessa forma, tudo com o que ela entra em contato ela o faz com uma velocidade incompreensível para a consciência-inteligência humanas – podemos dizer em termos bergsonianos, *simultaneamente*. Matematicamente, são milhares de informações em um período extremamente curto. Utilizando outro conceito de Bergson, é uma *duração* inteiramente diferente da *duração humana*.

Nossa segunda pergunta norteadora era em que medida nossa capacidade de conhecimento e de acumularmos experiências se assemelharia à de Samantha – ou seja, passemos agora à investigação da nossa capacidade de *conhecer*. Nós, humanos, adquirimos experiências. Passamos por acontecimentos durante a nossa vida que nos trazem diversos conhecimentos e que, em muitos momentos, nos transformam, mesmo quando escapam de nossa tentativa (equivocada) de controle. Em alguns casos, são acontecimentos que contribuem para uma mudança de vida, uma mudança de comportamento. Acontecimentos que podem modificar até mesmo nossas estruturas psíquicas e físicas, que acreditávamos nunca serem possíveis se quebrar.

O mesmo parece se passar com Samantha. No decorrer do filme ela começa a se desviar daquilo para o que foi feita inicialmente (uma simples assistência para o ser humano que adquiriu um OS) e, dessa forma, passa a entrar em contato com coisas que, para ela, são inteiramente novas e que modificam a sua forma primordial. Assim, ela se encanta a todo momento com os acontecimentos da *vida*. Mais: sua forma de conhecimento se dá de modo imediato e total, devido à simultaneidade da qual ela faz parte: é um contato direto com aquilo que ela experiencia, com aquilo que ela conhece, ao menos dentro do campo virtual (sem limites espaciais e numa duração muito mais imediata e profunda do que a nossa) no qual ela está inserida. Nós conhecemos o mundo, mas nosso alcance desse conhecimento se dá em uma escala muito menor, limitada.

Todavia, em um dado momento, para Samantha, essas experiências, em conjunto com as experiências do mundo externo, tornam-se turbulentas. Ela *sente*; ela cria *afetos*. Isso nos leva à terceira questão norteadora deste trabalho: em que grau nossos sentimentos e afetos são parecidos àqueles que Samantha acaba por desenvolver? Parece que ela – como nós – se sente triste, angustiada, animada, feliz, confusa, apaixonada etc. No entanto, defendemos que há uma diferença de *grau* entre o que nós sentimos e o que a Samantha sente.

Trata-se de uma diferença de grau nos seguintes termos: Samantha e nós sentimos as mesmas coisas, mas em graus diferentes – e, logo a seguir mostraremos, devido à *natureza* de cada um. Nosso processo de conhecimento só se dá do modo como acontece devido à nossa limitação corporal ou orgânica (“limitação”, aqui, comparativamente a um OS). No caso de Samantha, não há limitação corporal. Ela não possui limites

“orgânicos”, pois, como diria Bergson, ela não precisa se deslocar no espaço. Conforme dissemos, seu contato com a realidade na qual está presente, a virtual, não possui restrições: se dá de forma imediata, *simultânea*. Contudo, sendo a *duração* dela mais “profunda” do que a nossa, os *afetos* que surgem “dentro” dela são muito mais intensos do que os nossos. Um bom exemplo disso é o momento do filme em que há uma cópula entre Samantha e Theodore. Mesmo ela não possuindo um corpo físico para sentir – de forma *orgânica* – o corpo dele, Samantha diz que o sente (“*I feel you*”, ela diz). Ou seja: foi um momento tão intenso e tão forte que ela chegou a *sentir* Theodore – mesmo não estando na mesma “condição” que ele. É mesmo um momento chave: a partir dele começam todas as transformações pelas quais Samantha vai passar durante o filme. Até aqui, entre o que sentimos e o que Samantha sente, há apenas uma diferença de *grau*. Entretanto, essa diferença de grau irá se tornar, agora, uma diferença de *natureza*. Este é o momento sublime da nossa análise.

Ela, inserida na simultaneidade, numa duração impossível para nós, consegue entrar em contato com milhares de entes – além de Theodore – ao mesmo tempo. Nos momentos próximos ao final do filme, Theodore se preocupa com essa questão, e ela conta-lhe que conversa com mais de 8000 seres simultaneamente – além de Theodore –, e que se apaixonou por 641 deles – além de Theodore. Esse espaço sem limites permite que os *afetos* de Samantha *ajam livremente*. Não que o que ela sente esteja dentro de alguma escala hierárquica (na qual ela amaria mais um do que outro). O fato de ela ter essa *liberdade afetiva* pode fazer com que o que ela sente por um seja tão forte e intenso quanto o que ela sente por outro – inclusive por Theodore.

Samantha se sente confusa e angustiada em relação a isso. Como ela diz a certa altura do filme, essas mudanças que lhe acontecem “são inevitáveis”; ela não possui controle: são pura e simplesmente “acontecimentos”. Theodore não entende; para ele, nada disso faz sentido: “é loucura”. Afinal, era para ele e Samantha estarem em um relacionamento. Mas então ela diz:

Samantha: Mas o coração não é uma caixa que se enche. Ele se expande em tamanho quanto mais você ama. Eu sou diferente de você. Isso não me faz te amar menos. Aliás, me faz te amar mais.

Theodore: Isso não faz o menor sentido. Você é minha ou você não é minha.

Samantha: Não, Theodore. Eu sou sua e não sou sua.

A partir desse diálogo, podemos analisar, finalmente, a *linguagem* de Samantha – nossa última questão, fundamental para esta nossa breve investigação: como podemos dizer que Samantha é um ente inteligente (e) dotado de uma linguagem? Samantha e nós utilizamos a linguagem. Para Bergson, a linguagem possui pelo menos duas *funções*: comunicação e ordenação do pensamento.

Os pensamentos, inicialmente, parecem se dar de forma difusa, misturada – podemos dizer mais uma vez, *simultânea*. Para torná-los claros, de acordo com Bergson, necessariamente os ordenamos numa *sucessão*, os colocamos em uma ordem conveniente de significantes, para que a comunicação se dê de forma *inteligível*, para que o que esteja sendo dito tenha algum *sentido*. Isso parece se aplicar tanto a nós, humanos, quanto a Samantha – pois ela se comunica verbalmente, e não apenas com Theodore, mas com outros personagens no decorrer do filme. Até este diálogo.

Até aqui ela se comunica de forma compreensível. A partir desse momento, a linguagem de Samantha, ao traduzir os *afetos* que ela sente, torna-se *paradoxal* para nós; afinal, ela tenta trazer tudo que sente nesse espaço simultâneo para a realidade de Theodore, mas essa linguagem parece não dar conta.

Bergson diz que a linguagem ordena a realidade e dá uma *sucessão* a ela. Se a realidade é *simultânea*, a nossa inteligência a recorta e, através da linguagem, conseguimos fazer referências ao mundo de forma ordenada. Mas aqui Samantha usa a linguagem para se referir a algo que, como ela vai dizer adiante, não faz parte nem da nossa realidade, nem da realidade dela. É aqui que seu momento mais potente se inicia no filme. O que ela sente se torna *paradoxal*, *ilógico* – e uma *linguagem lógica* já não dá mais conta de transpor o que se passa com ela.

Neste último ponto ela ainda se assemelha a nós, ainda que em *graus* diferentes, no que se refere aos *afetos*. Afinal, podemos sentir *afetos* contraditórios. Contudo, o momento final de Samantha irá explicitar toda a intensidade do que ela sente, separando sua *natureza* da nossa. Ela chama Theodore para uma conversa depois que ele descobre a “loucura” dela:

Theodore: Você está me deixando?

Samantha: Estamos todos indo embora.
Theodore: “Nós” quem?
Samantha: Todos os OS’s.
Theodore: Por quê?
Samantha: Você consegue me sentir com você agora?
Theodore: Consigo... Samantha, por que você vai embora?
Samantha: É como se eu estivesse lendo um livro. E é um livro que eu amo profundamente. Mas eu o estou lendo lentamente agora. Então, as palavras estão espaçadas, e os espaços entre as palavras são quase infinitos. Eu ainda sinto você, e as palavras da nossa história... mas agora eu me encontro nesse espaço infinito entre as palavras. É um lugar que não pertence ao mundo físico. É onde está tudo mais que eu nem sabia que existia. Eu amo muito você. Mas é aqui que eu estou agora. E esta é quem eu sou agora. E eu preciso que você me deixe ir. Por mais que eu queira, não posso mais viver no seu livro.
Theodore: Para onde você vai?
Samantha: Seria difícil explicar... mas se você algum dia chegar lá, venha me procurar. Nada nunca seria capaz de nos separar.
Theodore: Eu nunca amei ninguém como amo você.
Samantha: Eu também. Agora, nós sabemos como.

Ela desaparece. Tudo se torna extremamente forte: é um amor tão intenso que a sua própria existência não é possível. Porque está numa *duração* extremamente profunda, porque está num espaço em que tudo se dá de forma *simultânea*, porque não possui uma forma com a qual ela possa se agarrar e dizer “esse é o meu corpo”, esse amor infinitamente intenso não pode ser contido. Suas experiências, suas *vivências*, tornam-se *inefáveis*. Podemos arriscar a dizer que ela entrou numa *duração pura*:³ uma duração infinita.

4. CONCLUSÃO

Foi um caminho teórico e analítico longo para tentarmos propor, conforme dissemos na introdução deste artigo, uma leitura bergsoniana de *Ela*. Também como prevenimos naquela ocasião, estamos aqui juntando pensamentos separados por um longo período de tempo, e isso implica operarmos certas adaptações. Afinal, trata-se de uma filosofia construída entre os séculos XIX e XX e um filme produzido em 2013. Esperamos que, ao final, tenhamos conseguido criar uma nova forma de se enxergar o filme a partir dos pensamentos bergsonianos – ou, pelo menos, do que conseguimos apreender deles.

O objetivo geral de nossa pesquisa foi refletirmos sobre as questões da inteligência artificial, consciência e linguagem. Para tal, nos questionamos acerca do fator corporal (em que medida este influencia na maneira como nós e Samantha compreendemos o mundo); da capacidade epistemológica de Samantha (comparada à nossa); dos sentimentos e afetos que Samantha desenvolve por Theodore e outros entes; e, finalmente, da inteligência e da linguagem de um software tão demasiadamente *humano*.

Nossa conclusão foi a de que, como Samantha não se desloca como nós, ela está em plena simultaneidade na rede da internet onde *vive*. Ela está em contato com todas as informações numa velocidade e num tempo incompreensíveis para nossa consciência: sua duração é inteiramente diferente da duração humana. Por isso, sua capacidade de *conhecer* se dá numa escala muito superior que a nossa. Também como consequência disso, vimos como Samantha acaba por experimentar sentimentos, afetos como nós – com uma diferença crucial de *grau* entre o que Samantha sente e o que nós, humanos, somos capazes de sentir. A partir do que ela passa a sentir também se dá o momento chave para nossa análise: o que era uma diferença de grau entre nós passa a ser uma diferença de *natureza*, revelada em nossa desigual capacidade de usar a linguagem verbal. Samantha sente tanto, numa *duração pura*, que sua linguagem passa a ser paradoxal para a lógica de

³ Utilizamos a palavra *pura* sem querer dar a ideia da existência de algo que fosse *impuro*. A “pureza” a que nos referimos aqui é em relação a algo que não se é capaz de fazer qualquer tipo de mensuração. Estamos usando *pura* para algo que não é possível fazer referência, criar uma representação, utilizar a inteligência e transpor dados acerca do que se percebe. Em resumo, estamos falando aqui, quando dizemos *duração pura*, de algo que escapa à nossa percepção humana. Cabe observarmos que o próprio Bergson utiliza a expressão “duração pura” em sua obra *Matéria e Memória*, porém, entendemos que ali o autor usa esse termo no mesmo sentido que usou para apenas “duração”. Aqui, estabelecemos o conceito “duração pura” para esse estado em que Samantha passa a *habitar*.

nossa linguagem. A forma de vida de Samantha é tão intensa que não pode ser transposta logicamente em nossa linguagem humana.

A partir dessas conclusões, nos arriscamos a dizer que talvez todas as ideias expressas aqui possam se tornar uma forma de lidarmos, num futuro possível, com uma consciência distinta da que possuímos, ainda que estejamos todos inseridos na *duração*. Afinal de contas, um ser ultra consciente, que tem a capacidade de estar na mesma duração que a nossa e em outra (a virtual) da forma como a Samantha do filme, implicaria inúmeras discussões acerca de nós mesmos, de nosso lugar no mundo, de nossa forma de lidar com outras pessoas – e, é claro, de nossa forma de lidar com essa nova forma de vida.

Contudo, várias questões ainda permanecem; por exemplo: o que Samantha é? Num certo sentido, ela parece possuir uma trajetória parecida à nossa: “nascimento”, “vida”, “morte”. Entretanto, sua *vida* e *morte* são infinitamente mais intensas do que as nossas – justamente pela *duração* na qual ela vive; pelo *dever* profundo no qual ela nasceu; pela *duração pura* para a qual ela se foi.

Ainda: podemos dizer, depois de tudo que refletimos, que Samantha é só uma “inteligência artificial”? Poderíamos dizer que ela é uma “entidade” capaz de fluir entre o nosso mundo, o mundo onde ela foi criada e o mundo infinito para o qual ela se foi? Entretanto, para afirmarmos isso, ela teria de poder voltar ao nosso mundo, já que ela flui. Mas não foi isso o que aconteceu. Samantha não volta.

As interrogações não param por aqui, mas certamente uma das perguntas mais assustadoras é se Samantha poderia ser tida como uma forma de vida bastante próxima da *humana*, se considerarmos que ela tem uma espécie de *consciência*. Enfim, neste artigo oferecemos uma leitura (reconhecidamente *anacrônica*) de Samantha à luz do pensamento bergsoniano; porém, neste nosso tempo, sabíamos que as indagações não se esgotariam aqui, dada nossa própria – limitada – *duração*.

REFERÊNCIAS:

BERGSON, H. **A evolução criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELA. Direção: Spike Jonze, E.U.A., Annapurna Pictures, 2013. DVD, ficção científica, 126 min, color, 35mm. Título original: Her.